

É bonito, mas...

A relação entre a tatuagem e o câncer de pele é tema de artigo do oncologista do INCA Ronaldo Corrêa e do chefe da Seção de Dermatologia do Instituto, Dolival Lobão, publicado em 18/01/2016 no jornal O Globo



Nas últimas décadas, a prática de tatuar o corpo alcançou grande popularidade no Brasil, onde se estima que de 10% a 20% da população adulta tenha tatuagens. O INCA alerta sobre os cuidados que os portadores de tatuagem devem ter com relação ao câncer de pele, tipo mais comum da doença no Brasil.

A tatuagem pode dificultar o diagnóstico precoce, porque há a possibilidade de a tinta encobrir as lesões. A preocupação principal é com o melanoma, tipo de câncer de pele mais agressivo e letal, que representa cerca de 4% de todos os casos. Os melanomas começam a partir de nevus (ou sinais), que podem ser encobertos ou confundidos com o pigmento das tatuagens. Ao contrário dos cânceres de pele não melanoma, os melanomas podem evoluir rapidamente e provocar lesões metastáticas bem cedo, a partir daquelas muito pequenas (0,5 a 1 cm).

Em uma pele livre de tatuagem, é muito mais fácil observar mudanças na textura e alterações na cor, no formato ou no tamanho de sinais ou pintas. As tatuagens, em especial as que utilizam tintas de pigmento escuro, dificultam a identificação das mudanças graduais de lesões suspeitas durante o autoexame e o exame clínico feito por um profissional de saúde.

Outro aspecto relevante é a qualidade das tintas usadas. Todas as tintas, nacionais e importadas,

assim como aparelhos, agulhas, equipamentos e acessórios utilizados para tatuar, precisam ser registrados. No entanto, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), responsável por fiscalizar e regular esses produtos no Brasil, existem tintas sem registro no mercado. Em 2014, foi suspensa a comercialização de 14 marcas no País.

Embora não haja uma análise específica da Agência Internacional para Pesquisa em Câncer (Iarc, na sigla em inglês), da Organização Mundial da Saúde (OMS), sobre o potencial carcinogênico das tintas utilizadas para tatuar, alguns componentes químicos encontrados nesses pigmentos (tais como mercúrio, cobalto e cádmio) e subprodutos gerados após a exposição solar são considerados carcinogênicos ou possivelmente carcinogênicos para humanos.

Recente revisão (*Tattoos, inks, and cancer*, publicada na revista *Lancet Oncology*) não encontrou evidência convincente de maior risco de câncer de pele no local da tatuagem ou de câncer em outros locais em pessoas tatuadas. É imprescindível que grupos de pesquisa se interessem em realizar novos estudos.

Tatuados ou não, vale ressaltar mais uma vez a importância dos cuidados com a pele, evitando-se a exposição direta ao sol principalmente no horário das 10 às 16 horas.